

PER
FOR
ME
- SE

**fronteras borradas
erguidas**

Performe-se!	<u>04</u>
Programação Festival Performe-se 2017	<u>08</u>
Performances	<u>12</u>
Vídeo-performances Registro	<u>18</u>
Vídeo-performance Seleção especial	<u>21</u>
Performances Artistas convidados	<u>22</u>
Axexê da Negra ou o descanso de todas as pretas que mereciam serem amadas - Renata Felinto	<u>26</u>
Mesas de debate, oficinas e bate-papo	<u>29</u>
Fronteiras pressupõem territórios em disputa Suelen Calonga Pessoa	<u>30</u>
Minibios	<u>33</u>



Performe-se!

O Festival Performe-se aconteceu em Vitória entre os dias 27 e 30 de setembro de 2017. O evento contou com ações performáticas, mostra de vídeo-performance, mesas de debate e palestras. O encontro correspondeu ao desejo de se estabelecer momentos de troca e diálogo entre artistas e público. Representou a vontade e o anseio de se vivenciar diferentes experiências por meio da arte do corpo, apresentadas por propostas artísticas de todo o Brasil. Trabalhos que sugeriam perspectivas poéticas de enfrentamento e sensibilidade diante das incongruências atuais.

A partir da iniciativa de dois jovens artistas e performers, Geovanni Lima e Natalie Mirêdia, nos envolvemos na aventura de criar um evento voltado para a arte da performance na cidade de Vitória. Vale lembrar que momentos como os que foram vividos aconteceram em solo capixaba durante os festivais “Trampolin” e “Multiplicidade”, organizados pelos artistas Marcus Vinícius e Rubiane Maia. Estes encontros foram importantes para incluir Vitória na rede de performer no Brasil.

A performance, como uma linguagem artística híbrida, pode estabelecer relações que ultrapassam o meramente estético, se infiltrando no cotidiano e ativando outras formas de percepção do corpo e do mundo. Joga no limiar entre o que é vida e o que é arte, acionando performatividades distintas e disruptivas. O que é vida passa a ser gesto poético e vice-versa. Talvez a arte da performance revele possibilidades de um saber-fazer outro, torcendo as relações sociais e fissurando as normas e os padrões impostos sobre os corpos e as subjetividades. Como artistas e pesquisadores, percebemos que se dizer artista da performance corresponde a viver em estado de inquietação constante, principalmente no que diz respeito ao uso da própria linguagem.

A performance se estabelece como o lugar da dúvida, da tensão, esgarça os contornos da arte, flerta com a ficção. Instaura a presença pelo encontro, tanto por meio da relação do artista com o público quanto do artista com a câmera (fotográfica, videográfica, etc.). Como linguagem artística, ela se constitui em diferentes áreas, teatro, dança, música, literatura, artes visuais - em cada uma delas, manifesta sua significação, pensamentos convergentes e divergentes sobre a produção artística. Contudo, mais do que uma mera definição, o ato performático possibilita, a partir da ação, uma

relação do corpo (do performer assim como do público) com uma vivência específica do tempo e do espaço. Assim, a performance não possui uma definição única mas envolve uma vivência que transcende a disciplinaridade. De acordo com a historiadora norte-americana Roselle Goldberg, "De fato, nenhuma outra forma de expressão artística tem um programa tão ilimitado, uma vez que cada performer cria sua própria definição ao longo de seu processo e modo de execução". (1)

O Festival Performe-se: Fronteiras borradas | Fronteiras erguidas apresentou ações artísticas que problematizaram as fronteiras que se erguem e se diluem no contexto da arte, do social, do político e do econômico. Esta discussão foi proposta pelo artista e curador do evento, Yiftah Peled, que desafiou o festival ao refletir sobre a performance como uma dimensão da ação viva atravessada por obstáculos e permeada por tensões.

A programação envolveu 18 performances presenciais - 12 selecionadas por meio de edital público de caráter nacional, que contou com 200 inscrições, e seis de artistas convidados. O evento apresentou também uma mostra de vídeo-performance com dez vídeos, três deles produções internacionais (Argentina, Espanha e México). A mostra se originou de um chamamento público que teve 70 propostas inscritas. Além disso, o festival

oportunizou espaços de diálogo em cinco ações, como mesas de debate e palestras. Houve, ainda, uma leitura aberta de portfólio.

A programação também envolveu ações de cunho educativo - foram realizadas três oficinas em espaços de serviços municipais de convivência: Centro de Referência de Assistência Social (CRAS), no bairro de Resistência, Casa da Juventude, localizada no bairro de São Pedro, e Núcleo Afro Odomodê, no Centro da capital. Ainda na perspectiva de formação de público, pelos processos de arte-educação foi oferecida uma oficina a alunos do ensino fundamental da Escola Municipal Experimental Ufes.

O festival, aprovado pela Proex (Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal do Espírito Santo) como projeto de extensão, oportunizou ainda o processo de aprendizado envolvendo a linguagem da performance e as discussões articuladas no campo social para 12 graduandos do Curso de Artes da Universidade.

A reflexão ativada pelo Festival – Fronteiras borradas | Fronteiras erguidas teve como objetivo propor o diálogo poético e político gerado por meio das contradições sociais e consequente tomada de consciência das diferentes experiências do corpo na sociedade. Assim, todas as atividades do evento abordaram de forma diversificada (aberta ao público) as questões

que permeiam os debates de gênero, raça, sistema da arte, educação entre outros.

Propor o debate sobre os territórios conceituais, sociais, políticos e subjetivos no campo da arte e ainda sugerir um espaço de reflexão prático-teórico sobre as fronteiras já se colocava de antemão como um desafio para a comissão de seleção e equipe de organização. Como tratar das barreiras e engrenagens que são erguidas e diluídas no campo da arte? Como torcer as relações entre as fronteiras que determinam o sistema da arte e suas instituições (artista, público, museu, espaços independentes, academia, etc.)? Como borrar as concepções do lugar da arte e do artista?

A programação do Festival Performe-se 2017 representou o desejo de dar visibilidade a projetos locais e nacionais em performances que articulam por meio de atravessamentos distintos as inquietações levantadas pelo evento. Dessa forma, a organização do festival encerra este primeiro encontro com a certeza de ter proporcionado experiências importantes para a arte da performance em Vitória.

Carla Borba, Geovanni Lima e Natalie Mirêdia

[1] GOLDBERG, Rose Lee. A arte da performance: do futurismo ao presente. São Paulo: Martins Fontes, 2006. p. 9.

Programação

MOSTRA DE VÍDEO-PERFORMANCE

De 27 a 30 setembro

Local: Galeria de Arte e Pesquisa – GAP/UFES

Horário: 10h00 às 18h00

Coletivo Puxar Pele (RJ) | “Puxar Pele #1”

Daniela Paoliello (RJ) | “Apanhador para grandezas impalpáveis”

Felipe Bitecourt (SP) | “Bicho”

Marcela Antunes (RJ) | “Tiamat”

Marina Barsy Janer (Espanha) | “Border Movement... [Grenzbewegung... / movimiento fronterizo...]”

Quilombismo poético (Argentina) | “Manifesto pela fragilidade negra”

Rubiane Maia (ES) | “Janela temporária – à luz das sombras”

Sara Não Tem Nome (MG) | “Eu robô”

Tiago Sant’Ana (BA) | “Refino”

Yolanda Benalba (México) | “Servicios a la Comunidad #1”

Marcus Vinícius (in memoriam) (ES) | The horizon's edge | seleção especial da curadoria

DIA 27 SETEMBRO (QUARTA-FEIRA)

09h00 às 12h00 | Oficina “Performance, jogo e política” com Raphael Couto (exclusiva para o público do CRAS) | Centro de Referência de Assistência Social

11h30 (Longa duração) | Performance “Palavras não ditas são como barcos naufragados” de Khalil Rodor | Galeria de Arte e Pesquisa - GAP/UFES

14h00 | Performance “Purificação I” de Priscila Rezende | Centro de Artes (CAr) - UFES

15h00 (Longa duração) | Performance “Como um jabuti matou uma onça e fez uma gaita de um de seus ossos” de Renan Marcondes | Galeria de Arte e Pesquisa - GAP/UFES

18h00 | “Diálogos” de Maurício Ianês | Galeria de Arte e Pesquisa - GAP/UFES

20h00 | Batalha All Style "Amaciando o piso" organizada por Chapolin | Galeria de Arte e Pesquisa - GAP/UFES

DIA 28 DE SETEMBRO (QUINTA-FEIRA)

08h00 às 11h00 | Oficina "Corpo-Mostro" com Raphael Couto | Escola EMEF Experimental de Vitória Ufes [participação exclusiva dos alunos da escola]

10h00 às 12h00 | Mesa "Performando a instituição" com Suelen Calonga Pessoa [Programação de Artes Visuais Sesc SP\Unidade 24 de Maio] e Thais Amorin [Diretora do Museu Capixaba do Negro – Mucane] com mediação de Geovanni Lima | Galeria de Arte e Pesquisa - GAP/UFES

14h00 às 15h00 | Palestra-perfomática " A Patafísica não acabou, mesmo ainda!" com Artur Matuck (Prof. Dr. ECA/USP) | Galeria de Arte e Pesquisa - GAP/UFES

15h00 às 16h00 | Mesa "Vídeo e Performance" com Aline Dias [Prof.ª Dr.ª Curso de Artes Visuais – UFES/ES] e Erly Vieira Júnior [Prof. Dr. Curso de Comunicação Social – UFES/ES] com mediação de Natalie Mirêdia | Galeria de Arte e Pesquisa - GAP/UFES

16h30 | Performance "Encontro Marcado" de Maíra Vaz Valente | Galeria de Arte e Pesquisa - GAP/UFES

17h00 | Performance "Ôstraco" de Mônica Galvão | Galeria de Arte e Pesquisa - GAP/UFES

19h30 às 21h00 | Mesa "Performance e Educação" com Claudia Paim [Dr.ª.Prof.ª do Curso de Artes Visuais da FURG/RS] e Yiftha Peled [Dr. Prof. do Curso de Artes Visuais da UFES/ES] com mediação de Ms. Carla Borba | Galeria de Arte e Pesquisa - GAP/UFES

29 DE SETEMBRO (SEXTA-FEIRA)

09h00 às 12h00 | Oficina "Performance, jogo e política" com Raphael Couto Couto [exclusiva para o público da Casa da Juventude] | Casa da Juventude



10h00 às 12h00 | Oficina “Experimentos Urbanos | Limites do Corpo” de Cristiana Nogueira | Núcleo Afro Odomodê

14h00 | Performance “Axexê da Negra ou o descanso de todas as pretas que mereciam serem amadas” de Renata Felinto | Centro de Artes (CAR) - UFES

16h00 | Performance “Experimento _AP001” de Giulia Bravo e Natan Dias | Museu Capixaba do Negro - Mucane

16h30 | Performance “MIGRANTO” de Artur Matuck e Paulo Zeminian | Museu de Arte do Espírito Santo - MAES

17h00 (Longa duração) | Performance “Refino” de Tiago Sant’Ana | Museu Capixaba do Negro – Mucane

17h30 (Longa duração) | Performance “Aperreável nº3” de Arthur Scovino | Museu de Arte do Espírito Santo - MAES

30 DE SETEMBRO (SÁBADO)

09h00 às 13h00 | Oficina “Experimentos Urbanos | Limites do Corpo” de Cristiana Nogueira | Núcleo Afro Odomodê

10h00 às 12h00 – “Leitura Aberta de portfólio” com Suelen Calonga Pessoa (Programação de Artes Visuais Sesc SP\Unidade 24 de Maio) | Museu Capixaba do Negro – Mucane

12h00 | Performance “Projeto Desidentidades | Sapatão na medida” de Dani Barso- mian | Rua Sete de Setembro - Centro de Vitória

13h00 (Longa duração) | Performance “MISS TAKE” de Andressa Cantergiani | Praça Costa Pereira - Centro de Vitória

14h00 | “Performar a vida” - Aula/palestra/conversa com Renata Felinto (Profª. Drª do Curso de Licenciatura em Artes Visuais – URCA/CE) | Museu Capixaba do Negro – Mucane

16h30 | Performance “Peteca” de Marcel Diogo | Museu Capixaba do Negro – Mucane

17h30 | Performance “Entre minha boca e teu ouvido - Política” de Claudia Paim | Praça Ubaldo Ramalhete Maia (próxima a Rua Sete de Setembro) – Centro de Vitória

19h00 | Performance s/título “Apagamento. Imobilidade. Sufocamento” de Cristiana Nogueira | Praça Ubaldo Ramalhete Maia (próxima a Rua Sete de Setembro) – Centro de Vitória

21h00 às 23h00 | “Mostre sua cara!” | Messas Bar - Centro de Vitória

24h00 (meia-noite) | Performance\show “Perereca Brasil” de Thaiz Cantasini com participação da DJ Jaque Line | Casa da Stael - Centro de Vitória

ENDEREÇOS:

*Galeria de Arte e Pesquisa – GAP | UFES – Campus Goiabeiras | Av. Fernando Ferrari, 514, Goiabeiras, Vitória

*Centro de Artes (CAr) | UFES – Campus Goiabeiras | Av. Fernando Ferrari, 514, Goiabeiras, Vitória

*Museu de Arte do Espírito Santo – MAES | Av. Jerônimo Monteiro, 631 - Centro, Vitória

*Museu Capixaba do Negro – Mucane | Av. República, 121 - Centro, Vitória

*Casa da Stael | Rua Sete de Setembro, 263 - Centro, Vitória

*Bar Messas | Praça Ubaldo Ramalhete Maia - Centro, Vitória

*Núcleo Afro Odomodê | Escadaria Jayme Figueira, n 13 - Fonte Grande, Vitória



Registro de performance realizada no Museu de Arte do Espírito Santo - MAES | Fotos: Shay Peled

Aperreável nº 3 - Arthur Scovino (Bahia)

Aperreável nº3 é um trabalho de meditação e reflexão inspirado nas lutas pela independência do Brasil. Num círculo com penas rosas e carvão, o artista assobia ave-maria de Schubert enquanto envolve com fitas do Senhor do Bonfim, da Bahia, uma boneca de louça. A performance instaura um espaço introspectivo propondo um mergulho numa espécie de meditação provocada por sons, cheiros e cores produzidos pelo artista. A ação fez parte da série "Plataforma de Performances Incidentais" durante a exposição "Caboclo dos Aflitos", na Galeria Solyanka VPA em Moscou e do Festival Mais Performance Oi Futuro RJ, em 2016.

Projeto Desidentidades | Sapatão na Medida - Dani Barsoumian (São Paulo)

Uma arara com diversas roupas, acessórios e sapatos masculinos e femininos, disposta em alguma calçada ou área de convivência, cria um ambiente de estúdio fotográfico. A artista fica disponível para que os passantes a vistam a partir da premissa "vista-a como uma sapatão". A chamada é feita por outra mulher que aborda as pessoas como se elas fossem participar de uma pesquisa. Enquanto está sendo preparada, a artista conversa sobre sexualidade e gênero com cada um dos participantes e, quando pronta, posa para uma foto, com ou sem a pessoa que a vestiu. O registro é feito por uma fotógrafa contratada para esta finalidade.

Registro de performance realizada na Rua Sete de Setembro - Centro, Vitória com participação de Ana Castello | Fotos: Shay Peled





Registro de performance ativada pelo público no Museu Capixaba do Negro - Mucane | Fotos: Ariane Piñeiro

Experimento_AP001 - Giulia Bravo e Natan Dias (Espírito Santo)

Na performance Experimento_AP001, Giulia Bravo e Natan Dias buscam compreender a eficiência energética de algumas plantas que são comuns na paisagem urbana: espada-de-são-jorge, singônio, filodendro e jiboia. A proposta diz sobre o poder despercebido dessas espécies vegetais e busca levar ao corpo um resgate consciente do campo vibracional das plantas. O número três, ou seu múltiplo, é presente na obra de forma consciente como a união entre mente, corpo e espírito perante a sua simbologia. Neste trabalho, o espectador também é o realizador da ação performática, sendo convidado a adentrar um espaço piramidal feito com hastes de bambu e plástico transparente. Para isso, a performance conta com um roteiro de utilização do microambiente úmido que tem a presença de mudas das plantas.

Batalha All Style Amaciando o Piso, organizada por Chapolin (Espírito Santo)

Com a participação de Ciel, Tiaguim, Magrela, Vanda, Ellen, Lildre, Teuzin, Chapolin, Vivian e Kenin.

A proposta Amaciando o Piso surge como performance no campo estendido, nasce da relação entre corpo, cidade e periferia. Mais que isso: da relação corporificada entre os corpos na ação, as práticas corporais que eles executam e a dança como possibilidade dilatada, tentando romper a fronteira física e social imposta entre UNIVERSIDADE e PERIFERIA, trazendo corpos periféricos para o território acadêmico.

13

Registro de performance realizada na Galeria de Arte e Pesquisa - GAPUfes | Fotos: Ariane Piñeiro





Registro de performance realizada na Galeria de Arte e Pesquisa - GAPIUfes | fotos: Shay Peled

Palavras não ditas são como Barcos Naufragados - Khalil Rodor (Espírito Santo)

Palavras não ditas são como Barcos Naufragados se origina de um experimento que durou 120 dias em que cartas moldadas em formatos de barcos de papel foram inseridas dentro de um aquário com água. O processo de decomposição das cartas foi observado e registrado de modo a refletir sobre a durabilidade da palavra e do afeto diante da decomposição do papel em contato com a água. Palavras não ditas são como barcos naufragados, pois além de não encontrar seu destino, deparam-se também com uma espécie de decomposição. A performance consiste no ato do artista escrever cartas, transformá-las em barcos de papel, e, em seguida, mergulhá-las no aquário cheio de água. O público também é convidado a participar escrevendo cartas com dizeres que não alcançam seu destinatário.

Encontro Marcado - Maíra Vaz Valente (São Paulo)

O público está presente. Diante de todos, a performer dispõe os materiais que traz consigo: um rolo de fita crepe, um cronômetro, dois dados e a instrução impressa da experiência. O espaço é dividido em duas partes: "direita" e "esquerda", e a artista se coloca no fundo da "sala de jogo". O cronômetro é disparado marcando o tempo que os presentes terão para se posicionar. A cada lance de dados, o espectador adentra o espaço-experiência. O tempo se esvai em sua marcação, tudo acontece num curto intervalo de tempo. Quanto tempo temos para um encontro? Quanto tempo é necessário para uma experiência? Como caber num tempo exíguo que já nasce ansioso? Regidos por marcações, imposições de prazos e excessos, nossa vida nada pode diante do atraso, da demora ou mesmo da espera. Temos tempo para decisões? E para as ações? E nossas posições diante do mundo?

Registro de performance realizada na Galeria de Arte e Pesquisa - GAPIUfes | Fotos: Shay Peled





Registro de performance realizada no Museu Capixaba do Negro - Mucane com participação de Priscila Rezende | Fotos: Ariane Piñeiro

Peteca - Marcel Diogo (Minas Gerais)

Peteca em tupi-guarani significa golpe com a mão, tapa. Também é o nome de um jogo indígena da região sudeste do Brasil e do objeto utilizado para praticá-lo. A performance opera como um jogo que oferece à vista um campo demarcado com nomes de países e regiões cujas fronteiras estão sob tensões políticas. Dentro do contexto específico do Espírito Santo, pretende-se demarcar o campo também com nomes de grandes empresas como a Aracruz Celulose, por exemplo, que é uma empresa acusada internacionalmente por ativistas e ambientalistas por ocupar terras de povos indígenas e quilombolas. O campo também apresenta uma rede de arame farpado que divide as áreas.

Óstraco - Mônica Galvão (São Paulo)

Trabalho que faz parte de uma série de performances que tratam do exílio como questão iminente - os diversos exílios, autoexílios, a sensação do exilado no próprio território, no próprio corpo. A ação faz referência à ideia de "ostracismo" e ao "óstraco", fragmento de cerâmica (ou pedra) utilizada na Grécia Antiga, no século V a.C., para documentar procedimentos oficiais e em contextos de banimento e exílio de cidadãos. Na ação, a artista evoca o contexto de desterritorialização e os julgamentos coletivos existentes, tão em voga nos dias de hoje. Evoca esta qualidade do estar e permanecer estrangeiro a tudo, de um corpo que não tem cabimento.

Registro de performance realizada na Galeria de Arte e Pesquisa - GAPIUfes | Fotos: Shay Peled





Registro de performance realizada no Museu Capixaba do Negro - Mucane | fotos: Ariane Piñeiro

Refino (Da série Manufatura e colonialidade) - Tiago Sant'Ana (Bahia)

Na ação performática escultórica Refino, da série Manufatura e colonialidade, o artista peneira 100 quilos de açúcar sob um móvel de forma contínua. O açúcar como material orgânico e a força de trabalho como compulsão compõem uma ação escultórica que rememora a permanência da chaga colonial e seus sistemas de exploração. O açúcar, principal produto da monocultura escravagista na Bahia, é retomado como uma forma de ativação de uma memória ainda latente nos corpos de pessoas subalternizadas historicamente pelos processos coloniais.

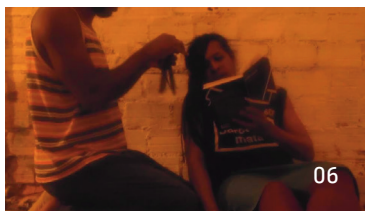
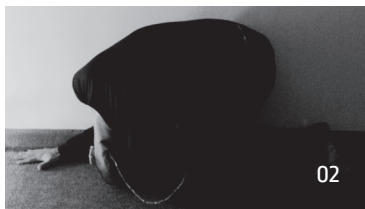
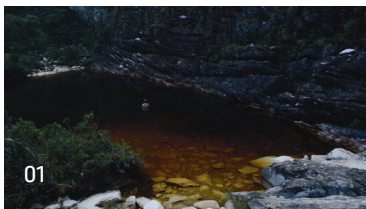
Perereca Brasil (Performance/Show) - Thaiz Cantasini (Minas Gerais)

É uma apresentação dançante-sonora-debochada, anarcofeminista e político-performática da cantora feminista goiana/mineira Thaiz Cantasini, com a participação especial da DJ Jaque Line (Ouro Preto/MG). Em seu repertório, apresenta composições musicais que fez para espetáculos teatrais nos últimos 10 anos e performances nas quais experimenta espaços liminares e hibridismos entre teatro, música, tecnologia e feminismo(s) dialogando com questões atual do Brasil. O show Perereca Brasil estreou em maio de 2016 na 1ª Mostra Mulheres Criando de Belo Horizonte/MG. Participou de eventos que tiveram como epicentro as questões de gênero/resistência via artes da presença, entre eles a programação do Encuentro X-cêntrico: Performance, Dissidência e Soberania – Hemispheric Institute – Comuna La Victoria - Santiago do Chile (2016) e XOQUE – Festival Independente de Artes para a Guerra – Florianópolis/SC.

17

Registro de performance realizada na Casa da Stael com participação da DJ Jaque Line| Fotos: Shay Peled





01 Apanhador para grandezas impalpáveis | 7'
Daniela Paoliello (Rio de Janeiro)

A obra é constituída de uma série de vídeo-performances consecutivas. Em cada uma delas, acontece uma microperformance em que o corpo é acionado por forças externas da natureza que o tocam em seus deslocamentos. O corpo aqui se torna matéria-prima da própria experiência e se deixa afetar praticando o abalo de si, o perder-se e a potência de uma autoinvenção. Nele reverberam o vento, a luz, a temperatura e a vertigem que essas grandezas provocam.

02 Bicho | 50"
Felipe Bittencourt (São Paulo)

Bicho é um recorte da pesquisa artística, na qual o artista busca construir um corpo selvagem mesclando formas híbridas de composição. Nesta investigação, a movimentação de animais e insetos foram aliadas à livre utilização destes gestos de acordo com o espaço em que o BICHO se apresenta. Este projeto propõe um espaço doméstico utilizando apenas um pequeno ponto de luz no qual o BICHO se debate na busca sem sucesso de escapar de um foco de atenção.

03 Tiamat | 2'36"
Marcela Antunes (Rio de Janeiro)

Vídeo-performance realizada em 2016 durante a exposição Documento Vivo, coordenada por Manuel Vason _ La Plataformance, Resistência em Rede, na Oficina Cultural Oswald de Andrade, São Paulo-SP. Materiais: sopro, pó e fogo. Local: travessia do sopro que apaga o fogo que inflama. Espectro - Atmosférico - Fronteiriço - Ar - Labareda – Iminência, "Tiamat" deu à luz dragões e serpentes, são incluídos entre eles uma grande lista de criaturas, como homens-escorpiões e sereias, coisas com ferrões e cantos de pélagos, caminhantes de oceanos e profundezas de vulcões.

04 Border Movement... [Grenzbewegung... / movimiento fronterizo...] | 11'46"
Marina Barsy Janer (Espanha)

A ação se constitui através da produção de uma linha na superfície da pele entorno do corpo criando fronteiras. As geografas-corpos indesejáveis formam a fronteira. Arranjos de um espaço global, arranjos de sentimento. As fronteiras invisíveis se situaram em todas as partes e em nenhuma parte, respirando através de um sistema circulatório.

05 Puxar Pele #1 | 10'
Coletivo Puxar Pele (Rio de Janeiro)

Nesta obra, são exploradas as possibilidades corporais de textura, movimento e fluxo em novo meio através de novas características formais. São trabalhadas as fusões dos corpos, o movimento único entre os membros, a cor individual da pele e as imagens sensoriais que atravessam o corpo vivo respirando, suando, deslizando, colando, apertando, amolecendo e pulsando, virando massa única. Pretendemos, no vídeo, a criação de um novo ambiente espaço-temporal, através do uso da découpage da performance, do recorte e reinvenção dos corpos e da montagem das imagens.

06 Manifesto pela Fragilidade Negra | 3'30"
Coletivo Quilombismo Poético (Argentina)

Vídeo do registro performático do Manifesto pela Fragilidade Negra, elaborado pelo Quilombismo Poético, coletivo criado no início de 2016, em Buenos Aires, pelo dramaturgo e performer brasileiro Anderson Feliciano e Yosjuan Piña Narváez, negrx em processo vivo de descolonização, imigrante-nômade, dissidente ao regime branco-hétero-capitalista-colonial. Sociólogo-ativista educador popular (de)formado na Universidad Central de Venezuela (UCV).

07 Janela temporária . à luz das sombras | 7'36"
Rubiane Maia (Espírito Santo)

08 Eu Robô | 10' 35"
Sara Não Tem Nome (Minas Gerais)

Na vídeo-performance Eu robô, Sara Não Tem Nome realiza ações que desconstroem e ressignificam seu cotidiano, discutindo questões como a objetificação do corpo feminino e a relação corpo-máquina. As performances são baseadas em poemas de seu livro homônimo em que um software reconfigura os escritos que Sara publicou em sua página no Facebook. O livro traz a discussão sobre autoria e algoritmo com uma faceta de poesia dadaísta nonsense.

09 Refino #2 (Da série Manufatura e colonialidade) | 7'
Tiago Sant'Ana (Bahia)

As ruínas de um antigo engenho de açúcar guardam marcas que o tempo não tratou de apagar. Uma cascata de açúcar rui ininterruptamente sob o corpo de um homem negro. A ativação de um espaço inóspito como tentativa de refletir sobre a colonialidade que age sobre corpos racializados.

10 Servicios a la Comunidad #1 | 6'
Yolanda Benalba (México)

En Servicios a la Comunidad #1 se ofreció la limpieza de los zapatos a ciudadanxs de la zona euro por un precio irrisorio. Los precios establecidos se ordenaron según el PIB anual de los países europeos que comparten el euro como moneda, esto significó que, una alemana pagó 0'09euros y un español 0'05euros por el mismo servicio. Lo absurdo del precio definió el contrato económico entre la performer y lxs espectadorxs que se convertían en clientes, evidenciando las diferencias económicas y por tanto de poder que vivimos entre los países de la Unión Europea. Esta limpieza pública, fuera de ser un gesto ingenuo, fue realizada con una bandera de la nacionalidad de la performer usada como trapo.



The horizon's edge | still de video-performance 5' | 2011

The horizon's edge | 5'
Marcus Vinícius (Espírito Santo) (in memoriam)

Livre para crescer, amadurecer e buscar minhas próprias bordas. Outro novo mundo a surgir acima do horizonte ilimitado de minhas experiências. Trabalho realizado durante a residência artística na SVEFI, na cidade sueca de Haparanda, em agosto de 2011.



Registro de performance realizada na Escadaria São Diogo - Centro de Vitória | Fotos: Shay Peled

Miss Take Andressa Cantergiani (Rio Grande do Sul)

Vivemos num constante assédio de imagens que fetichiza e objetifica o corpo feminino. Ao mesmo tempo somos induzidas a ser essa imagem. A ditadura da beleza é escorregadia, instável e insustentável em tempos de corpos dissidentes e diversos. É tão falsa que desaparece, como o gelo que derrete e a performance que acaba. É tão ilusória como o momento político do Brasil. Miss take é a eterna condição de erro da sociedade brasileira, da falsa ascensão da cultura dos anos 2000 e sua queda, da visão social e política do que é arte pelos olhos conservadores que a colocam novamente em tabus e falsas verdades. Miss take é o erro do erro em tempos de pós-verdade.

Migranto

Artur Matuck e Paulo Zeminian (São Paulo)

Um casal de caminhantes chega a cidade buscando refúgio, contato, acolhimento, alimento, moradia. Tanto o homem como a mulher tem feições marcadas pela longa e árdua jornada, estão abatidos, cansados, caminham lentamente e tentam se comunicar com as pessoas que encontram na cidade, no campo, nas comunidades privilegiadas. Eles surgem bem ao longe e são logo percebidos pelos transeuntes, pelas pessoas nas ruas, nas casas, nos teatros, nas escolas, por sua escala sobre-humana, por seus rostos dimensionados, por sua música, por suas falas, por suas andanças, seus gestos. Todos se encantam pela melancolia, pelo abandono, pela magia da presença humana. Mas logo desaparecem caminhando novamente em incessante busca por uma nova identidade num país distante, diante de pessoas desconhecidas que falam uma língua estrangeira. Os Migrantos se despedem.

Registro de performance realizada com a participação de Diego Nunes, Gabriel Barros, Juan Gonçalves, Rayma Antunes Marques e Sandro Caje no Museu de Arte do Espírito Santo - MAES e pelas ruas do Centro de Vitória |
Fotos: Shay Peled





**Entre minha boca e teu ouvido - Política
Claudia Paim (Rio Grande do Sul)**

Durante o Festival Performe-se um tema presente foi a política, creio que refletindo todo um clima de urgências da cidade de Vitória, mas também do país. Então, passei a coletar algumas falas dos participantes do evento sobre política e como fazer da vida um exercício político. Relacionei ainda com alguns autores como Maquiavel e Hannah Arendt.

Registro de performance realizada na Praça Ubaldino Ramalho
Maia Centro de Vitória | Fotos: Shay Peled



Registro de performance realizada na Praça Ubaldo Ramalhete Maia Centro de Vitória com a participação de Márcio Murari | Fotos: Shay Peled



S\ Título - Apagamento. Imobilidade. Sufocamento Cristiana Nogueira (Amapá)

Apagamento. Imobilidade. Sufocamento. Um corpo de mulher é envolvido por uma massa branca, tornando-se informe. Do desejo de resistência em meio à mutação, este corpo sobrevive e, movendo-se, deixa seus restos pelo chão. Pensada a partir de incômodos com a situação atual em que vivemos, esta ação tem como foco as sensações oriundas do engessamento do corpo, que some lentamente na paisagem urbana, tornando-se uma massa informe branca. Desde o esfriar e esquentar da reação química do gesso, até à imobilidade proporcionada pela casca que envolve o corpo, a performance evoca uma espécie de enclausuramento deste corpo, que se encontra numa posição antinatural que exige resistência até sumir por completo. Torna-se um antimonumento, ali, parado no meio do espaço urbano. Ao ser liberto no final do processo, restam apenas indícios de sua forma original, restos de uma vestimenta, um casulo deixado para trás.



Axexê da Negra ou o descanso de todas as pretas que mereciam serem amadas. Somente num país que naturaliza o racismo como o Brasil, um dos seus maiores ícones na arte poderia ser o retrato de uma ama de leite. Isso diz muito sobre nós.

O Axexê é uma cerimônia fúnebre de extrema complexidade realizada para um/a praticante adepto/a das religiões afro-indígenas falecido/a no qual é desfeito o ritual realizado na iniciação dessa pessoa. Ou seja, o corpo sacralizado é dessacralizado e tal processo inclui a entrega de pertences pessoais do/a falecido/a de quem se despede, e que foram utilizados dentro do culto, juntamente com músicas, danças, consulta ao Ifá (jogo de búzios), desfazimento do assentamento (ou não), banhos, dentre outras práticas.

Com o devido respeito ao Candomblé e seus/suas adeptos/as, nos apropriamos da palavra e de sua conceituação de forma artística, a fim de homenagearmos e realizarmos o desligamento espiritual de todas as negras que du-

rante o Brasil colonial e império foram amas e mães pretas de brancos/as da elite escravocrata brasileira.

Na performance resgatamos imagens de mulheres negras que serviram a essa violência e as enterramos juntamente com uma reprodução da obra *A Negra*, 1923, de Tarsila do Amaral (1886-1973), pintura que representa um dos pontos altos da atualização estética das artes visuais brasileiras do início do século XX. *A Negra* revoluciona o campo da representação do feminino na arte brasileira na medida em que não traz a mulher no lugar comum da fragilidade, sensualidade ou maternidade, pois que os mesmos estavam reservados às representações de brancas.

Às negras cabiam representações de ofícios de rua como quitandeiras, ou as que se valiam dos usos de seus corpos considerando uma suposta sexualidade "selvagem". Em relação à maternidade, existem algumas representações dessas mulheres de forma compulsória e artificial, nos papéis de amas e mães pretas já mencionadas, as quais a leitura sociológica mais romantizada eterniza como se inseridas em relações de afeto entre mulheres negras e crianças brancas. [1]

A performance enterra as negras registradas em fotografias nas quais repousam instantâneos de vida que, assim como *A Negra*, possuem olhares perdidos no vazio, vidas raptadas e violentadas de maneiras as mais brutais imagináveis.

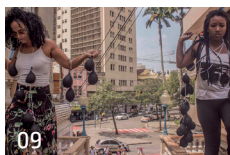
Enterramos essas mulheres que mereciam serem amadas em corpos/almas, juntamente os estereótipos construídos/fortalecidos a partir do uso das imagens do/a/s negro/a/s como elemen-

Axexê da Negra ou o
descanso de todas as
pretas que mereciam
serem amadas
Renata Felinto



tos decorativos nas casas das famílias tradicionais brasileiras detentoras da riqueza/dinheiro desse país. Enterramos o modernismo enquanto o mais importante momento das artes visuais no Brasil. Num movimento antropofágico, devolvemos à terra simbolicamente essas imagens-vida e ela, na qual pisamos, nos devolve vitalidade, energia, crença na continuidade.

[1] Ver *Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal* (1933), de Gilberto Freyre.



- 01** Maurício Ianês | Diálogos | Registro de bate-papo realizado na Galeria de Arte e Pesquisa - GAPUfes | Foto: Ariane Piñeiro.
- 02** Mesa Performando a instituição com Suelen Calonga Pessoa e Thais Amorin, mediação de Geovanni Lima | Registro de atividade realizada na Galeria de Arte e Pesquisa - GAPUfes | Foto: Ariane Piñeiro.
- 03** Artur Matuck | Palestra-performática "A Patafísica não acabou, mesmo ainda!" | Registro realizado na Galeria de Arte e Pesquisa - GAPUfes | Foto: Ariane Piñeiro.
- 04** Mesa Vídeo e Performance com Aline Dias e Eryl Vieira Júnior, mediação Natalie Mirêdia | Registro de atividade realizada na Galeria de Arte e Pesquisa GAPUfes | Foto: Shay Peled.
- 05** Mesa Performance e Educação com Claudia Paim e Yiftha Peled, mediação Carla Borba | Registro de atividade realizada na Galeria de Arte e Pesquisa - GAPUfes | Foto:Shay Peled.
- 06** Renata Felinto | Performar a vida | Aula\palestra\conversa realizada no Museu Capixaba do Negro - Mucane | Foto: Ariane Piñeiro.
- 07** Oficina Performance, jogo e política com Raphael Couto | Casa da Juventude | Foto: Ariane Piñeiro.
- 08** Oficina Corpo-Mostro com Raphael Couto | Registro de atividade realizada na Escola EMEF Experimental de Vitória Ufes | Foto: Ariane Piñeiro.
- 09** Oficina Experimentos Urbanos | Limites do corpo de Cristiana Nogueira | Registro da ação de Leo Fagundes e Vivian da Cunha realizada durante oficina na Praça Costa Pereira - Centro de Vitória | Foto: Ariane Piñeiro.

Fronteiras pressupõem territórios em disputa. Quando recebi o convite para participar da mesa “Performando a instituição” me detive um tempo na reflexão sobre o que seria mais interessante falar, se do desafios de trabalhar com o fomento de uma arte subversiva(1) a partir de uma instituição hierárquica e burocrática ou se interessaria mais um relato pessoal sobre estar “dos dois lados do balcão” - a gestão da minha produção artística pessoal paralela à minha atuação como programadora em artes visuais. Comecei falando sobre como instituições são coisas que não existem, formadas por pessoas que existem. Nesse contexto eu representava o Sesc SP, uma engrenagem gigante no fazer artístico-cultural do país e na qual eu não tenho interesse em ser apenas uma peça de manutenção. Ao contrário, entre o conflito de encarar meu trabalho como parte da minha prática artística ou mantê-lo separado na categoria “emprego”, eu prefiro tentar o quanto possível fazer coincidir as chaves política e poética usando as possibilidades que

a instituição oferece para contribuir com oportunidades de discussões mais amplas, aprofundadas e relevantes para a sociedade.

A recente entrada - pela porta da frente - da performance nas instituições brasileiras (universidade, museus, centros culturais) [2], em relação às outras linguagens das artes, foi uma questão bastante debatida. Sendo a performance disputada entre os territórios já estabelecidos das artes cênicas e das artes visuais, e reivindicando seu lugar fora dessa disputa, ela se torna, como zona autônoma e des-territorializada (a não ser no corpo do artista), um potente recurso para a discussão de diversos assuntos dos campos da macro e micro política dos sujeitos, ou tudo aquilo que não encontra lugar.

As instituições existem também com a função de manutenção do status quo, o que entra em conflito com a potência de deslocamento causada pelo uso do corpo como recurso sensível, principalmente quando em suas abordagens mais viscerais e/ou a partir de temas que partem das políticas de gênero, sexualidade, raça e outros tabus. O nível de intensidade com a qual a performance comunica seus discursos suscita, muitas vezes, reações extremas diretamente proporcionais (ou desproporcionais, como vem acontecendo com cada vez mais frequência) de setores conservadores da sociedade, que estão interessados em manter as instituições como seus territórios de domínio. Essa disputa, por sua vez, acaba provocando a retração por parte das instituições em

Fronteiras pressupõem territórios em disputa

Suelen Calonga Pessoa

acolher projetos artísticos questionadores, pois ao mesmo tempo que estão desejosas de promover o pensamento livre e diverso por meio da arte, também estão comprometidas com os interesses dos setores conservadores.

O mesmo movimento de disputa que acontece nessa escala macro também acontece internamente na instituição e é exatamente aí que reside meu interesse: experimentar com diferentes níveis e estratégias da negociação institucional, testar e expandir os limites das possibilidades, atuar na chave do questionamento, promover uma certa tensão criativa que aproxima o fazer profissional da minha prática artística. Falar dos assuntos que incomodam, “arrancar uma casquinha de ferida”, reivindicar a performance como um campo desestabilizador necessário. A minha existência, como a de várias outras colegas com atuação semelhante, também é necessária dentro da instituição, pois é nossa intensidade e interesse que mantém a instituição relevante. Humanos são bichos políticos e entendemos bem as necessidades de sermos estratégicos nas ocupações dos lugares, mesmo dos que não existem. Apesar de ser um ciclo bastante exaustivo e conflituoso, a possibilidade de tornar

minha atuação um importante esteio para um contexto maior do que apenas a minha carreira individual, dentro e fora da instituição⁽³⁾, me traz bastante satisfação. Muitas vezes os muros se erguem mais rígidos e eu perco minhas disputas [tanto murro em ponta de faca até que fura], mas algumas outras eu venço, pois a instituição, como eu disse, não existe, mas as pessoas existem. De vez em quando ainda preciso justificar que não visto a camisa porque odeio roupa apertada.



[1] Enquanto trabalhei na unidade Santana do Sesc SP, estive à frente, junto com a colega Ana Dias de Andrade, de um grande festival de poéticas feministas chamado De|Generadas, que se propõe colocar os diversos feminismos em pautas transversais, propondo novas formas de viver e reinventar o mundo. Em sua primeira edição, em 2015, o festival contou com a participação de mais de 50 artistas em uma programação que durou um mês. A segunda edição ocorreu em 2016 e contou com a participação de quase 250 nomes, das mais diversas áreas de atuação e linguagens artísticas. A terceira edição acontece esse ano de 2017 ao longo dos meses de março a novembro, mais uma vez, com mais de 200 mulheres.

[2] O trabalho com performance como uma linguagem autônoma no Sesc SP é bem recente. Até 2014 a performance acontecia na instituição em situações esparsas, principalmente de alguns poucos projetos experimentais que vinham com a chancela do teatro performativo ou da dança. Nessa época, as únicas unidades com trabalhos mais sistematizados nessa linguagem eram Santos, Campinas e Santana. Após o início de 2015, com o início da primeira edição do De|Generadas, que vinha com uma forte programação em performance, coincidindo com a exposição da Marina Abramovic no Sesc Pompeia, a performance entrou de vez como uma linguagem que acontece com regularidade no Sesc SP, ainda que dependendo mais da pesquisa e da força de vontade de seus programadores do que um programa regular da instituição.

[3] A realização do De|Generadas reverberou muito não só na ampla divulgação na imprensa, mas no enorme alcance de público e no importante fomento da cena artística feminina/feminista brasileira, como criou precedente dentro da instituição para o aceite de outros projetos com temática assumidamente de gênero e sexualidade em outras unidades do Sesc SP, o que acreditamos ser um de nossos maiores méritos.

Equipe do Performe-se (Organizadores e curadores)

Carla Borba (ES) artista visual doutoranda pelo PPGAV/UFRGS, bolsista CAPES; Mestre em Poéticas Visuais (2012) e bacharel em Artes Plásticas (2003) na mesma instituição. Sua pesquisa envolve, performance, imagem, processos colaborativos e questões de gênero. Professora substituta do Curso de Artes Visuais – UFES (2014-2016). Participou do “Boteco da Diversidade: Feminismo, Sesc Pompéia, São Paulo/SP (2017); “Convergência - Mostra de Performance Arte - SESC/TO (2017)”; Projeto DelGeneradas, SESC Santana, São Paulo/SP (2015); Da matéria sensível, MAC-RS, Porto Alegre/RS (2014). Bolsa Iberê Camargo (2002).

Natalie Mirêdia (ES) artista bacharel em Artes Plásticas pela UFES. Participa da “2ª Mostra Caixa Bienal de Novos Artistas”, (2017-2019). Expôs “Cá Entre Nós 2ª edição” - OÁ Galeria de Arte Contemporânea, (2017); “Temporal Festival de Arte”, Uruguai (2017); “FUTURE IDENTITIES It’s Liquid Experimental Cinema and Vídeo Art Festival”, Reino Unido (2017); IV Função - Festival Instantâneo de Performance Urgente, 2016; “New Worlds: Violence Remains de vídeo/Performance Latinoamericano”, Finlândia (2016);

Geovanni Lima (ES) artista, performer e educador social graduando em Artes Visuais pela UFES; Bolsista FAPES. Dedicou-se aos estudos das corporeidades negras e principais características que o corpo preto apresenta na ocupação de territórios urbanos. Apresentou trabalhos

de performance, vídeo-performances em exposições, seminários e festivais: Rio Grande (RS); Florianópolis (SC), Joinville (SC); Uberlândia (MG) e Vitória (ES). Integrou a mesa de abertura da “1ª Semana de Arte Moderna da Juventude AfroAmérica”, Núcleo Afro Ododomê, Museu Capixaba do Negro (MUCANE).

Curadores convidados

Aline Dias (ES) artista, pesquisadora e professora adjunta do DAV/UFES. Doutora em Arte Contemporânea pelo Colégio das Artes da Universidade de Coimbra (2012-15), bolsista Capes de Doutorado Pleno no Exterior. Mestre em Poéticas Visuais pelo PPGAV/UFRGS (2009) e Bacharel em Artes Plásticas pela UDESC (2004). Atuou como chefe de serviço do Museu Victor Meirelles, IBRAM, Florianópolis (2009-10) e coordenadora do Projeto Agenda Cultural da mesma instituição (2004-2007). Membro da editora independente Corpo Editorial. Participa de exposições, projetos curatoriais e editoriais. Tem pesquisa com ênfase em arte contemporânea, instalações, intervenções em espaços expositivos, publicações de artista, fotografia e vídeo.

Yiftah Peled (ES) artista, pesquisador e professor do DAV/UFES, Doutor em Artes Visuais pela USP (2013), Mestre em Teatro pela UDESC (2005) e bacharel em Escultura pela mesma instituição (2000). Formou-se em Escultura, Arte e Educação na Emerson College, Inglaterra. Participou em mais de 80 exposições: Bienal SP (1994); Panoramas de Arte Brasileira, MAM/SP. Realizou exposições individuais

em Austin\ EUA e em Haifa\ Israel. Desde 2009 coordena a o Espaço Independente Contemporâneo. Atua como coordenador da Galeria de Arte e Pesquisa - GAP\ UFES. Integrante dos grupos de pesquisa: Diálogos entre Sociologia e Arte e Práticas e Processos da Performance.

Minibio - Performances

Arthur Scovino (BA) estudou na Escola de Belas Artes da UFBA. Investiga estética e pensamento contemporâneos através de ações performáticas e relacionais. Apresenta em suas instalações, fotografias, vídeos, pinturas, desenhos e objetos inspirados em símbolos do imaginário religioso e da miscigenação brasileira. Recebeu prêmio Salão da Bahia (2013). Em 2014 participou da 3ª Bienal da Bahia e da 31ª Bienal de São Paulo. Expôs na "Softpower – Arte Brasil", Holanda (2016) e na Galeria Solyanka VPA em Moscou\ Rússia. Representado pela Galeria Casa Triângulo\ SP.

Dani Barsoumian (SP) artista e ativista sapatão autônoma, a partir da performance investiga questões relacionadas a identidade. Desde 2012 desenvolve o Projeto DESIDENTIDADES, no qual pesquisa questões de gênero, sexualidade e identidades nos contextos brasileiros. Em 2017 e 2016, participou de festivais e mostras: "Todos os gêneros", Itaú Cultural\ SP; "Escala 1:1", Palmas\ TO; "XOKE – Mostra Independente de Arte de Guerra", Florianópolis\ SC; "Convergências", SESC Palmas\ TO; "Corpus Urbis", Macapá\ PA;

Giulia Bravo (ES) estudante de Arquitetura e Urbanismo pela UFES, integra o Escri-

tório Modelo de Arquitetura e Urbanismo – EMAU. Desde 2014 é membro da Casa de Artes Campanelli, onde atua como elenco e assistente de palco. Realizou trabalhos como assistente em direção de arte com Djanira Bravo e Elian Guimarães na criação de cenários e figurino em publicidades e mídias televisivas.

Juliano Eliseu da Silva (ES) arte educador e produtor cultural nas cidades da grande Vitória. É educador social do Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos para Adolescentes e Jovens no Centro de Referência de Assistência Social Básica. Presidente da União de Danaçarinos do ES. Propositor e organizador do Encontro de Danças Urbanas e líder da Cia de Dança Underground Funkers criada em 2012;

Khalil Rodor (ES) graduando em Cinema e Audiovisual – UFES. Participa do grupo de pesquisa "Corpo, Cinema e Sensorialidades". Desenvolve pesquisa sobre bio-política queer e a relação dialética de afetos entre o corpo queer e o lugar onde este se insere. É diretor da revista online de moda e arte BLESS Magazine.

Máira Vaz Valente (SP) artista da arte da performance, graduada pela ECA\ USP e pós-graduanda (latu sensu) em "Estudos Brasileiros: Sociedade, Cultura e Educação". De 2007 a 2012 fundou e coordenou o grupo de estudos Núcleo Aberto de Performance (NAP). De 2015 a 2016 colaborou com a plataforma de trabalhos em performance La Plataforma. Participa de mostras e festivais apresentando ações mediáticas em que ativa sua audiência.

Marcel Diogo (MG) graduado e licenciado pela Escola de Belas Artes, UFMG (2006-2009). Desenvolve pesquisas em diversos meios, destaca-se sua produção pictórica e curatorial de projetos independentes. Participa do CEIA - Centro de Experimentação e Informação de Arte e do CERCA - Coletivo de Experiências em Residências e Colaborações Artísticas.

Mônica Galvão (SP) artista da performance e historiadora. Especialista em Técnica Klaus Vianna, pela PUC-SP (2015). Bacharel em História, pela FFLCH/USP (2004). Fundadora e integrante do Coletivo Cartográfico, desde 2011. Participou de diversos festivais: "ESCALA 1:1", Palmas-TO, (2017); Festival Laplatapformance, São Paulo/SP, (2016); "VESPA" e "MIP3", Belo Horizonte-MG, (2016); Corpus Urbis, Macapá- AP, (2016).

Natan Dias (ES) ator, formado pela Escola Técnica de Dança, Teatro e Música FAFI ES. Graduando pelo DAVUFES. Integra o Grupo Vira Lata desde 2010 e o Grupo Con-tato. Trabalhou em projetos diversos como educador de circo e teatro: Projeto Tempo Integral, Prefeitura de Vitória; Projeto Mais Educação, Prefeitura Vila Velha, Projeto "FLAUTAS NA RUA", REAME.

Priscila Rezende (MG) A inserção e presença do indivíduo negro na sociedade brasileira atuam como principais norteadores e questionamentos levantados no trabalho de Priscila Rezende. Partindo de suas próprias experiências, Priscila aciona as limitações impostas, discriminação e estereótipos aos quais é submetido como sujeito negro e os confronta em ações

corporais que buscam estabelecer com o público um diálogo direto, sem permitir possibilidade de subterfúgios ou evasivas.

Renan Marcondes (SP) artista plástico, performer e pesquisador representado pela Adelina Galeria/SP. Doutorando pela ECA/USP, membro do corpo editorial da Revista Performatus e membro fundador do Pérfida Iguana. Expôs no "Contra corpo" (individual), Oficina Cultural Oswald de Andrade; VERBO de performance art; [per-forma], SESC Bom Retiro; MOVIMENTA #1 e #2, Galeria Mezanino. Premiado na sp-arte 2015, no Salão de Arte da Juventude do SESC Ribeirão Preto e no Salão de Arte Contemporânea Luiz Sacilotto, Santo André.

Tiago Sant'Ana (BA) artista da performance, doutorando em Cultura e Sociedade pela Universidade Federal da Bahia. Desenvolve pesquisas em performance e seus possíveis desdobramentos desde 2008. Seus trabalhos como artista imergem no imaginário social, tensões e representações das afrobrasilidades. É integrante do Coletivo OSSO de Performances Urbanas.

Thaiz Cantazini (MG) performer, militante feminista, artista educadora, poeta e cantautora. Licenciada em Artes Cênicas pela UFOP. Mestre em Processos e Poéticas da Cena Contemporânea na mesma instituição. É cantautora no Coletivo Minas da Voz - mulheres compositoras; co-criadora do coletivo NINFEIAS-Núcleo de Investigações Feministas e compositora-performer no projeto Caixa Preta - Anticorpos - Dança e Tecnologia.

Video-performances\registro

Daniela Paoliello (RJ) artista visual e doutoranda em Artes Visuais pela UERJ. Contemplada com XIII Prêmio Funarte Marc Ferrez de Fotografia. Pesquisa a autoperformance para a câmera e a produção da autoficção. Seus trabalhos são pensados como lugar de passagem, onde o corpo é afetado pela experiência que instaura a obra, apontando para um fictício possível, capaz de intervir no mundo.

Felipe Bittencourt (SP) artista visual, performer, fotógrafo e videomaker, bacharel pelo Centro Universitário Belas Artes de São Paulo (2007), especialista em Fotografia pela Escola Panamericana de Arte e Design (2010). Trabalha com performance, desenho, fotografia. Em suas obras, investiga o limite físico e a autoagressão como possibilidades poéticas em performances de longa duração, questionando o corpo enquanto suporte artístico.

Marcela Antunes (RJ) mestranda pela PPGARTES\UERJ bolsista Capes, bacharel e licenciada em Artes Visuais pela mesma instituição. Participou de residências, exposições e festivais de performance, no Brasil bem como, Lituânia, Noruega, República Checa, Índia, México, Colômbia e Espanha, país onde concluiu pós-graduação em Artes pela Metàfora Taller Internacional. Integra o projeto LAB livre performance, SESC Santos, SP. Participa da Mostra Bienal Caixa de novos artistas, Caixa Cultural RJ (2017-2019).

Marina Barsy Janer (Porto Rico) explora o corpo como ente ominoso e fragmentado, agente social, sensual e grotesco. Explora a soma-política do encontro orquestrando espaços alternativos de tensão e negociação. Utiliza formas de ativismo estético e relacional para explorar a ideia do corpo-geográfico por meio das questões da descolonização

Coletivo Puxar Pele (RJ) iniciou no programa “Capacetando” (2016) para o desenvolvimento de um ato sensorial, visual e político. Houveram apresentações com variações no elenco de artistas: “Depois do Futuro”, Rio de Janeiro; Parque Lage; Ateliê Codorna; Espaço ZONA; (Re)ocupação dos 2 Anos “És Uma Maluca”; Casa França Brasil.

Anderson Feliciano (Argentina) performer e dramaturgo mestrando em Dramaturgia e Pós-graduando em Estudos Africanos e Afrobrasileiros (2009) pela PUC \MG. Desde 2007 vem desenvolvendo projetos envolvendo as questões raciais e de gênero. É autor dos livros infantis “A Verdadeira História do Saci Pererê” (2009) e “Era Uma Vez em Pasárgada” (2011). Escreveu textos dramáticos para companhias de Brasil, Chile e Argentina. Como performance tem participado de festivais em vários países da América Latina.

Sara Não Tem Nome (MG) transita entre artes visuais, música e cinema. Desde 2009 participa de festivais e exposições em diversos países: Brasil, França, Espanha, Portugal, Alemanha, Grécia, Islândia, Argentina, Estados Unidos e Turquia. Em 2014 participou da residência artística

Bolsa Pampulha. Participou da residência "Red Bull Station" (2015) onde gravou o disco Ômega III. Expôs no prêmio EDP, Instituto Tomie Ohtake; "Quando o tempo aperta", Palácio das Artes (MG) e Museu Histórico Nacional (RJ).

Yolanda Benalba (México) mestrado em Práticas Cênicas e Cultura Visual pelo Museo Nacional Centro de Arte Reina Sofía (Madrid), bacharel na Faculdade de Arte de la Universidad de Castilla - La Mancha (Cuenca) e licenciada em Artes Plásticas pela Universidad Politécnica de València (Valencia). Reflete em sua pesquisa sobre as relações de gênero, poder e micro-política. Participa em exposições e festivais de performance na Espanha, Itália, Alemanha, Holanda, Suécia, Romênia, Indonésia, Estados Unidos, México, Peru, Equador, Colômbia e Brasil.

Vídeo-performance - Seleção especial

Marcus Vinícius (ES) | (1985-2012) conhecido como MV, o artista faleceu em 2012 e foi uma das referências da performance, dentro e fora do país, tendo apresentado seus trabalhos em mais de 20 países. O artista explorava seus limites físicos e mentais na busca da transformação emocional e espiritual em performances de longa duração. Realizou projetos de intercâmbio e produção em performance e live art. Coordenou o LAP! _Laboratório de Ação & Performance e o Projeto TRAMPOLIM _ Plataforma de Encontro com a Arte da Performance. Em 6 edições, realizadas de outubro de 2010 a março de 2011, o TRAMPOLIM reuniu cerca de 50 artistas numa experiência

poética de encontro com a prática da arte da performance e o diálogo entre artistas e público, servindo aos participantes de plataforma para abrir o espectro de ideias e conexões.

Performances - Artistas convidados

Andressa Cantergiani (RS) doutoranda pelo PPGAV/UFRGS, mestre em Comunicação e Semiótica da PUC/SP e graduada em Arte Dramática pela UFRGS. Estudou Performance na Universidade das artes em Berlim UDK/ALEMANHA. É fundadora, artista, curadora e gestora da Galeria Península. Destacam-se os projetos: Residência no Museu Bispo do Rosário de Arte Contemporânea, RJ (2016); Exposição TRANCE, Espaço Saracura, RJ (2017). Realizou a concepção e curadoria do PROGRAMA PÚBLICO DE PERFORMANCE PENÍNSULA, Porto Alegre/RS, (2016/2017). Residência no AGORA COLLECTIVE, Berlim, Alemanha (2017).

Artur Matuck (SP) doutor e livre-docente em Artes pela ECA/USP. Atua no Brasil e no exterior como professor, pesquisador, escritor, artista plástico, diretor de vídeo, performer, organizador de eventos de telearte e como filósofo da comunicação contemporânea. Desde 1977 participa de conferências internacionais, oficinas e projetos sobre os seguintes tópicos: Arte e Tecnologia, Telecomunicações e Artes, Televisão Interativa, Arte Performance, História da Arte, Arte Combinatória, Direitos Autorais e Criação Textual Computacional. Atua como professor-orientador nos PPGCOMUSP e PGEHA USP. Participou como artista convidado

nas Bienais de São Paulo em 1983, 1987, 1989, 1991 e 2002.

Claudia Paim (RS) artista visual e professora, graduada em História (1989) pela UFRGS. Mestrado (2004) e Doutorado (2009) em Artes Visuais pela mesma instituição, com estágio doutoral na Universidad Politécnica de Valencia\ Espanha (2007-2008). Professora nos Cursos de Artes Visuais – Licenciatura e Bacharelado – na FURG. Desenvolve pesquisa sobre coletivos e espaço público, performance e corpo. Atua em coletivos e produz vídeo, performance e fotografia. Coordena o grupo de pesquisa do CNPq corpoimagem. Tem textos publicados e exposições individuais e coletivas no Brasil e exterior.

Cristiana Nogueira (AP) licenciada em Educação Artística pela UERJ e mestre em Arte e Cultura Contemporânea pela mesma instituição. Participou de exposições e residências pelo Brasil. Organiza o festival Corpus Urbis e coordena o projeto Performance na Praça. É professora do Curso de Artes Visuais da Unifap. Tem interesse na relação entre imagem, performance e intervenção urbana.

Paulo Zeminian (SP) graduado em Arquitetura e Urbanismo pelo Centro Universitário Belas Artes de São Paulo (1998), graduado e licenciado em História PUC\SP (2001). Especialista em Comunicação, Arte e Tecnologia pelo Centro Universitário Belas Artes de São Paulo (2004), Mestre e doutorando em Estética e História da Arte pelo PGEHA-USP. Professor da Faculdades Metropolitanas Unidas no curso

de Artes Visuais. Atua como artista visual e atualmente trabalha com performance de rua onde explora a estética de bonecos gigantes interagindo no espaço público.

Renata Felinto (CE) doutora em Artes Visuais pelo IANUNESP (2016), bolsista da CAPES. Mestre em Artes Visuais (2004) e Bacharel em Artes Plásticas pela mesma instituição (2001). Licenciada em Artes pelo Programa Especial de Formação Pedagógica do Centro Universitário Belas Artes de São Paulo (2005). Especialista em Curadoria e Educação em Museus de Arte Contemporânea da USP(2010). Professora adjunta no Curso de Licenciatura em Artes Visuais, Universidade Regional do Cariri/ CE. Compõe o comitê científico das revistas GAMA, CROMA e ESTÚDIO da Faculdade de Belas Artes/Lisboa. Expôs no "Diálogos Ausentes", Instituto Itaú Cultural/ SP (2016), "Experiência Paulistana", Pinacoteca do Estado de São Paulo (2017) e "Uterotopias", Galeria A Mesa/ RJ (2017).

Mesas de debate, oficinas e bate-papo

Erly Vieira Jr (ES) cineasta, escritor e pesquisador na área audiovisual. Doutor em Comunicação e Cultura pela UFRJ (2012), professor do Departamento de Comunicação Social e dos programas de pós-graduação em Artes (PPGA) e Comunicação (POSCOM), da Ufes. Pesquisa questões sobre cinema, corpo e sensorialidade e cinema queer. Realizou curtas-metragens, entre documentários e ficções, exibidos em diversos festivais dentro e fora do Brasil. Autor dos livros "Marcus Vinícius – A presença do mundo

em mim" (2016), "Plano Geral – Panorama histórico do cinema e vídeo no Espírito Santo" (2015). Desde 2012, é um dos curadores do Festival de Cinema de Vitória.

Maurício Ianês (SP) bacharel pela FAAP. Busca referências e influências em filosofia, poesia, crítica social, literatura e música. Participou de importantes exposições nacionais e internacionais, como Mostra Terra Comunal, Sesc Pompéia (2016); as 28ª e a 29ª Bienais Internacionais de São Paulo, SP; "Des Choses en Moins, Des Choses en Plus", Palais de Tokyo, Paris, França; "Avante Brasil", KIT Kunst im Tunnel, Düsseldorf, Alemanha; "Il Va se Passer Quelque Chose", Maison de L'Amérique Latine, Paris, França; "Chambres Sourdes", Parc Culturel de Renteilly, França.

Raphael Couto (RJ) artista da performance, educador, mestre em Estudos Contemporâneos das Artes pela UFF (2014), Especialista em Arte e Cultura – UCAM (2010) e Licenciado em Artes Plásticas – UFRJ (2007). Expôs na "Fotografia Contemporânea no Brasil", Caixa Cultural RJ e DF; "Ver e Ser Visto", MAM/RJ; "Novas Aquisições - coleção Gilberto Chateaubriand", MAM/RJ; "A Imagem em Questão", EAV Parque Lage, RJ. Participou de diversas mostras e festivais pelo Brasil e Argentina. Professor de Artes Visuais do Colégio Pedro II/Rio de Janeiro. Representado pela galeria Mercedes Viegas Arte Contemporânea-RJ.

Suelen Calonga Pessoa (SP) mulher, negra e graduada em Comunicação Social pela PUC-Minas (2007) e pós-graduada em

Imagens e Culturas Midiáticas pela UFMG (2010) com pesquisas no campo da Teoria e Filosofia da Arte, com foco nas imagens técnicas e nas mudanças de subjetividades a partir das novas tecnologias. Sua pesquisa se situa entre a performance e o audiovisual em suportes digitais e atravessa as ciências naturais, os saberes místicos, a ancestralidade afro-tupiniquim, as ferramentas digitais de vigilância-controle e as micropolíticas do sujeito em contraponto com a imensidão do cosmos. Natural de Contagem/Belo Horizonte/MG. Programadora em Artes Visuais das unidades do Sesc Santana (2014-2017) e Sesc 24 de Maio (desde 2017).

Thais Souto Amorin (ES) mulher, negra, militante pelas políticas de equidade para mulheres negras, nascida na cidade de Aracruz/ES. Bacharel em Direito, graduanda em Serviço Social pela UFES. Servidora Pública da Prefeitura Municipal de Vitória, exercendo a função de Coordenadora do Museu Capixaba do Negro "Verônica Pas" - Mucane. Vivendo do fortalecimento diário, que se dá num olhar, num gesto, numa escuta... e me inspirando nas que vieram antes de mim, tendo como maior referência minha avó, dona Abadia.

Agradecimentos: Aline Passos de Oliveira (Coordenadora Municipal de Políticas Públicas para Juventude) - Aline Dias (Prof.ª Dr.ª DAVUfes) - Ana Paula Colombo (Técnica de Referência da Casa da Juventude) - Tamires Alcantara (Técnica de Referência do Núcleo Afro Ododomê) - Thais Souto Amorim (Coordenadora do Museu Capixaba do Negro - MUCANE) - Rebeca Ribeiro (Estagiária de Artes Visuais do Museu Capixaba do Negro - MUCANE) - Ana Castello - Márcio Murari - Stela Maris Sanmartin (Chefe de DAVUfes) - Larissa Zanin (Vice Diretora do CARUfes) - Yiftha Peled (Prof. Dr. DAVUfes) - Erly Vieira Jr. (Prof. Dr. Comunicação SocialUfes) - Bárbara Cani - Stefan Portnoi - Renan Andrade (Diretor do Museu de Arte do Espírito Santo - MAES) - Rosana Paste - Vivian da Cunha - Equipe da Galeria de Arte e Pesquisa - GAPUfes - Equipe do Núcleo Afro Ododomê - Stael Magesck (Casa da Stael) - Centro de Referência da Juventude (CRJ Vitória) - Centro de Referência de Assistência Social (Bairro Resistência) - Secretaria Municipal de Cidadania e Direitos Humanos de Vitória - Pró-Reitoria de Extensão da Ufes (Proex) - Messas Bar.

Concepção | Giovanni Lima e Natalie Mirêdia

Eixo Temático | Yiftha Peled

Coordenação e produção | Carla Borba, Giovanni Lima e Natalie Mirêdia

Assistente de produção | Fred Oliveira

Comissão de seleção | Aline Dias, Carla Borba, Giovanni Lima, Natalie Mirêdia e Yiftha Peled

Coordenação Galeria de Arte e Pesquisa da GAP - Ufes | Yiftha Peled

Assessoria de imprensa | Paulo Gois Bastos

Designer gráfico | Glaucis de Moraes

Revisão | Viviane Gueller

Fotógrafas | Ariane Piñeiro e Shay Peled

Monitores | Estudantes da Ufes | Amanda Cardoso De Paula - Rayma Antunes Marques - Juan Víctor Gonçalves - Gabriela Moreira Fraga - Henrique Tavares - Michele Medina - Eliza Diniz - Raynner Pinto Freitas - Natália Farias - Gabriel Barros - Eliane Izidoro - Diego Nunes



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO



PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO



GALERIA DE ARTE E PESQUISA



MUSEU CAPIXABA DO NEGRO
VITÓRIA DA ESF



MUSEU DE ARTE DO ESPÍRITO SANTO



Realizado com recurso do

Funcultura
2016



GOVERNO DO ESTADO
DO ESPÍRITO SANTO

Secretaria da Cultura

